

ÁLVARO DE CAMPOS, JOSÉ RÉGIO E MIGUEL TORGA: DO OLHAR ABSOLUTO PARA O OLHAR RELATIVO

ÁLVARO DE CAMPOS, JOSÉ RÉGIO AND MIGUEL TORGA: FROM THE ABSOLUTE LOOK FOR THE RELATIVE LOOK

Alexandre de Melo Andrade (UNESP-Araraquara)

Resumo: Propomo-nos a uma análise de três poesias do início do século XX em Portugal: "Lisbon Revisited (1923)", de Álvaro de Campos; "Cântico Negro", de José Régio; e "Livro de Horas", de Miguel Torga. Os três poetas têm em comum o tema do olhar relativo sobre a existência, em contraposição ao olhar absoluto. As poesias, opondo a consciência individual à submissão coletiva, refletem sobre a condição humana, ora por via da negação dos sistemas pré-determinados, ora pela auto-afirmação incisiva e pela constatação da liberdade de escolha. A partir do ponto de vista individual, chega-se a um grau de consciência que leva o eu pensante de cada poesia à excentricidade e ao isolamento.

PALAVRAS-CHAVE: Álvaro de Campos, José Régio, Miguel Torga, olhar relativo.

Abstract: This study has taken into account three poems from the beginning of the 20th century in Portugal: "Lisbon Revisited (1923)", Álvaro de Campos; "Cântico Negro", José Régio; and "Livro de Horas", Miguel Torga. The three poems have in common the subject of the relative look on existence as opposed to the absolute look. The poems, withstanding the individual awareness to group submission, reflect upon human condition, either in denial of predetermined systems or in incisive self-affirmation and also from the of constatation of the freedom of choice. From an individual point of view, we come to a level of awareness that takes the thinking self of each poem to excentricity and the isolation.

KEY-WORDS: Álvaro de Campos, José Régio, Miguel Torga, relative look.

INTRODUÇÃO

O Modernismo português, que na fase órfica revelou poetas como Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, propiciou a proliferação de uma poesia cujas marcas são os descaminhos e contradições do homem na era da máquina e da idolatria ao progresso. Em contrapartida com as imposições mecanicistas dessa sociedade, a poesia suscita as possibilidades de conduta inerentes ao ser; melhor que apontar essas possibilidades, o poeta revela o próprio despertar da consciência a respeito delas, relativizando, dessa forma, os conceitos, os padrões e as crenças.

Essa nova visão de mundo, oriunda a partir do Romantismo (e que aqui culmina com a sensação do vazio em que o homem está inserido), aparece como exercício da liberdade consciente do ser *no* mundo. Ou seja, do "todo" ostentado pelo Absoluto, parte-se para o "fragmentarismo" conseqüente do Relativo.

Este trabalho objetiva mostrar essa visão relativa do mundo por meio de três poesias portuguesas do início do século XX. Trata-se de um recorte de textos que nos possibilitam discutir esses descaminhos e contradições de que falamos anteriormente,

suscitando questões de ordem existencialista, embora sem o vínculo direto com uma ou outra teoria estabelecida pela filosofia.

Primeiramente, discutiremos a poesia "Lisbon Revisited (1923)", de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa; posteriormente, analisaremos a poesia "Cântico Negro", de José Régio, e na seqüência, a poesia "Livro de Horas", de Miguel Torga. Durante as análises, faremos as devidas correlações entre uma e outra poesia, procurando pistas do olhar poético reflexivo sobre a condição humana.

I – ÁLVARO DE CAMPOS: RECUSA E AUTO-AFIRMAÇÃO

*eu sou como eu sou
presente
desferrolhado
indecente
feito um pedaço de
mim*
Torquato Neto

Do fenômeno da heteronímia de Fernando Pessoa, surgiu Álvaro de Campos, poeta moderno, de olhos atentos ao real, contestador, rebelde às vezes, futurista e consciente da sua situação no mundo. O que a crítica literária aponta como melancolia em sua poética é a contestação do seu estar-no-mundo, que entra em choque com a civilização moderna, com suas imposições e moralidades. O poeta sente, às vezes, desejo de integrar-se ao mundo sem questioná-lo (embora não consiga), como acontece em "Tabacaria", quando recusa a metafísica e deseja pertencer de todo à realidade cotidiana; outras vezes, irrita-se com a civilização, tão contrária aos seus princípios de liberdade de escolha.

Não entraremos, aqui, em pormenores a respeito da heteronímia pessoana, nem tampouco faremos descrições apressadas sobre Álvaro de Campos. Mostraremos, por meio da análise de "Lisbon Revisited (1923)", a supremacia das idéias individuais propostas pelo poeta por meio da negação do coletivo. Não se trata de fazer aplicação direta de uma teoria, mas de deixar que o poema fale e guie o olhar interpretante.

"Lisbon Revisited (1923)" é um texto instigante que nos direciona a um pensar reflexivo sobre o ser, a civilização e a verdade. Estamos, aqui, no início do século XX, quando convergem todas as tensões do século anterior, alimentadas por um progresso agressivo que menos aclara do que desperta a consciência humana. Exercer a liberdade num mundo que busca conceitos prontos e regras frágeis é matéria poética fortemente expressa aqui.

Lisbon Revisited (1923)

Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.
Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências; Deus meu, das ciências!) –
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-na!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
Fora disso sou um doido, com todo direito a sê-lo.
Com todo direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, cotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?
Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.

Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo, sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havemos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho.
Já disse que sou sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!

O céu azul – o mesmo da minha infância – ,
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.
Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo...
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho...
(Moisés 2004: 450-451)

O poema reitera várias vezes o imperativo negativo, através de um eu que, respondendo a um interlocutor plural, nega as idéias-feitas provenientes da civilização. Todas as expressões que negam (“Não: não quero nada”; “Não me tragam estéticas!”;

etc) são, de fato, auto-afirmações desse sujeito que manifesta sua recusa ao que é considerado normal, corriqueiro e correto, num agressivo rompimento com a "ordem" estabelecida. Dessa forma, as negativas são afirmadoras, pois sustentam a tese da supremacia do indivíduo sobre o coletivo.

A vida não é tida como pronta ("Não me venham com conclusões!"), ela se faz; por isso, há mais suposições (o individual) do que verdades (o universal). Se a existência se abre, então, à diversidade de possibilidades, não há necessidade de obediência ao que é dito como verdade pela maioria – daí a rebeldia do eu em opor-se aos demais. Essa rebeldia é, além de contestação, auto-afirmação do ser *no* mundo. Essa consciência não lhe rende exatamente a soberania da verdade; contrário disso, ela lhe traz o peso de uma existência singular e marginal, já inerente ao seu modo de ser. Trata-se de uma excentricidade que lhe permite enxergar o caminho circular que os outros percorrem.

Na medida em que o eu se opõe ao coletivo, o poema vai aventando elementos de uma cultura valorizada positivamente pela civilização (estéticas, moral, metafísica, sistemas completos, conquistas, ciências, artes). Ele rejeita estes aspectos ditos modernos, e relativiza os conceitos trazidos, sustentados e inventados pelo e para o homem; considera que não há parâmetros de conduta, ao menos para ele, que deseja seguir seu caminho isoladamente.

Essa consciência do relativo sobre o absoluto já havia sido suscitada pelos teóricos e poetas do Romantismo, conforme dissemos anteriormente. O primeiro grupo do Romantismo alemão, o *Sturm und Drang*, quando sobrepôs o sentimento à razão norteadora, instaurou a cisão do sujeito, e o mundo passou a ser visto de forma fragmentada e duvidosa. Ainda que em momentos anteriores, como em *Os Lusíadas*, de Camões, a máquina do mundo tenha sido já abordada como imperfeita, há que se dizer que o Romantismo fez dessa imperfeição seu propósito poético. Daí por diante, a literatura e a filosofia muito se apropriaram dessa consciência da cisão do sujeito e do mundo para levantar questões pertinentes ao homem "em situação".

No poema, é notório que o poeta tenha feito referências a Deus ("Deus meu", "por amor de Deus!") e ao diabo ("Vão para o diabo sem mim, / Ou deixem-me ir sozinho para o diabo"), relativizando, ainda que indiretamente, os conceitos do "bem" e do "mal", talvez os mais antigos da vida humana. Deus e o diabo seriam, então, instâncias fundadas pelo próprio homem em sociedade, com as quais ele também rompe ironicamente. Na verdade, ele é irônico o tempo todo, pois afirma os valores tidos como verdadeiros pela sociedade, para dissociar-se deles com total desprezo pelo que não parte de seu próprio desejo. A dualidade bem x mal reaparecerá em José Régio e Miguel Torga.

A verdade também é vista como instância relativizadora, pois embora traga conceitos considerados pela maioria, não é "verdade" enquanto ponto de chegada ("Se têm a verdade, guardem-na!"). Quando diz "Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica", ele afirma a técnica como possibilidade, não como fim. É como se a técnica representasse o auto-ajuste que ele processa quando precisa, mas que não faz parte da sua natureza, ou seja, a técnica é uma possibilidade do ser *no* mundo, porém não representa a totalidade nem serve de parâmetro à ação humana. Fora da técnica, ele é "doido, com todo direito a sê-lo". O "ser doido", valorizado negativamente pela

sociedade, é um aspecto considerado positivo para ele, que uma vez mais relativiza as opiniões e os conceitos. Enquanto a técnica se liga ao previsível, habitual e “correto”, o doido corresponde à liberdade e à isenção da imposição alheia. A técnica está para a obediência, da mesma forma com que a loucura está para a auto-afirmação.

São possibilidades também, às quais o homem pode se condicionar, o ser “casado, fútil, cotidiano e tributável”; mas são apenas opções, e não obrigações, pois as escolhas são pessoais, o que nos leva a enxergar, pela voz poética de Álvaro de Campos, que o homem é livre para decidir-se. Por isso diz “Assim, como sou, tenham paciência!”. O eu se faz a cada momento, descobre-se na medida em que age no mundo, e a sua essência é produzida mediante as escolhas que são feitas nessa ação contínua.

Na última estrofe, a palavra “verdade” aparece duas vezes como referência ao céu azul e ao Tejo, no entanto são verdades vazias, pois não correspondem a um fim único, mas a um meio, a um processo, a uma visão intrínseca, por isso é uma “pequena verdade”, que acontece sob o olhar do eu saudoso dos últimos versos. Lisboa é a mesma de sempre, assim como o Tejo e o céu; o que mudou foi o olhar do eu-poético sobre a realidade, já que o ser é o responsável pela realidade fundante.

Fernando Pessoa, ao criar os heterônimos, manifesta a verdade como processo, como ponto-de-vista, não como ponto de chegada. Dessa forma, a natureza perfeita e a simplicidade de Alberto Caeiro, a contenção emocional de Ricardo Reis e todas as outras formas de vivência aparentes nos outros heterônimos são possibilidades de preencher o vazio em que o homem está inserido quando na contingência, formas de existir num mundo que abriga projetos sem programações, onde a “única conclusão é morrer”.

II – JOSÉ RÉGIO: O ANDAR NA CONTRA-MÃO

*O ar que respiro, este licor que
bebo,
Pertencem ao meu modo de
existir,
E eu nunca sei como hei de
concluir
As sensações que a meu pesar
concebo.
Álvaro de Campos*

2.1 – O GRUPO “PRESENÇA”

O ser desperto, consciente da atuação permanente e norteadora do ser no mundo, foi motivo poético em outros escritores que sucederam Fernando Pessoa. Álvaro de Campos, associado à consciência de que falamos, parece deixar para seus contemporâneos esse embate entre o ser que manifesta sua individualidade existencial e o mundo progressista da civilização, conforme vimos em “Lisbon Revisited (1923)”.

No sucedâneo do primeiro grupo modernista português, surgiram poetas que exploraram o mesmo enfrentamento, elaborando uma produção poética que tenta a destituição da metafísica em favor da observação atenta ao indivíduo no exercício de sua liberdade, velada unicamente pelo juiz da própria consciência. A esse grupo de poetas a crítica tratou logo de nomear “Geração Presença”, posto que as primeiras idéias foram publicadas na Revista Presença, em 1927. Desse grupo participaram os dois poetas que destacaremos aqui para uma abordagem: José Régio e Miguel Torga.

Segundo José Régio, essa geração de escritores pregava uma arte livre, original, em que o Ideal nada tivesse “com o do moralista, do patriota, do crente, ou do cidadão” (apud. Moisés 2005: 258); contrário disso, precisaria se moldar à individualidade, à consciência desperta e isenta de um parâmetro superior estabelecido. A arte se vincula, dessa forma, mais fortemente ao ser-no-mundo, particularizando a visão que se tem da realidade, de forma que ela seja multifacetada, vária. O nada em que se apóia a realidade é dito por poetas que tentam preenchê-lo com o acontecimento da palavra.

José Régio apresenta, em sua poesia, o homem mergulhado na relatividade, carente do Absoluto. Há uma angústia nesse modo de viver, pois o vazio permanece e é necessário viver, ainda que sem uma causa maior aparente. Daí deriva o enfrentamento contínuo entre o eu pensante e a sua própria consciência. De acordo com Massaud Moisés, “o debate íntimo nasce do fato de sentir a necessidade do Absoluto, que lhe dá a medida de sua relatividade” (Moisés 2005: 260). Resta-lhe, então, o desabafo; “a desesperança vence o orgulho, o poeta arrasta-se, despoja-se” (idem).

O poema a ser analisado em seguida nos fornece um recorte dessa consciência de si de que estamos falando, e que é comum ao poeta José Régio.

2.2 – “NÃO VOU POR AÍ...”

Há nítida relação entre o poema “Cântico Negro”, de José Régio, e o poema “Lisbon Revisited (1923)”, de Álvaro de Campos. Certamente José Régio foi leitor de Fernando Pessoa e, em contato com a produção heteronímica, extraiu dela aspectos que viria a explorar em sua poética.

“Cântico Negro” pertence à obra inicial de José Régio e nos oferece uma síntese quase completa da mundividência do poeta.

Cântico Negro

“Vem por aqui” – dizem-me alguns com olhos doces,
Estendendo-me os braços, e seguros
De que seria bom que eu os ouvisse
Quando me dizem: “vem por aqui”!
Eu olho-os com olhos lassos,
(Há, nos meus olhos, ironias e cansaços)
E cruzo os braços,
E nunca vou por ali...

A minha glória é esta:
Criar desumanidade!
Não acompanhar ninguém.
- Que eu vivo com o mesmo sem-vontade
Com que rasguei o ventre a minha Mãe.

Não, não vou por aí! Só vou por onde
Me levam meus próprios passos...

Se ao que busco saber nenhum de vós responde,
Por que repetis: "Vem por aqui"?
Prefiro escorregar nos becos lamacentos,

Redemoinhar aos ventos,
Como farrapos, arrastar os pés sangrentos,
A ir por aí...

Se vim ao mundo, foi
Só para desflorar florestas virgens,
E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada!
O mais que faço não vale nada.
Como, pois, sereis vós
Que me dareis machados, ferramentas, e coragem
Para eu derrubar os meus obstáculos?...

Corre, nas vossas veias, sangue velho dos avós,
E vós amais o que é fácil!
Eu amo o Longe e a Miragem,
Amo os abismos, as torrentes, os desertos...

Ide! tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátrias, tendes tetos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios.
Eu tenho a minha Loucura!
Levanto-a como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...

Deus e o Diabo é que me guiam, mais ninguém.
Todos tiveram pai, todos tiveram mãe.
Mas eu, que nunca principio nem acabo,
Nasci do amor que há entre Deus e o Diabo.

Ah, que ninguém me dê piedosas intenções!

Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: "vem por aqui!"
A minha vida é um vendaval que se soltou.
É uma onda que se levantou.
E um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou,
- Sei que não vou por aí!
(Moisés 2004: 495-497)

Conforme já foi dito, há uma estreita relação entre este poema de José Régio e o de Álvaro de Campos. Ambos negam o apelo social, condicionado a regras, e professam o exercício da liberdade individual. Opõem, dessa forma, a auto-afirmação à vida coletiva, sendo o primeiro termo valorizado positivamente. Nos dois casos, a voz instaurada no poema é irônica, firme, determinada e indignada; consideram-se na contramão do processo existencial e pregam de forma exaltada o livre arbítrio.

Aqui, a voz que fala no poema também se dirige a um interlocutor plural, remetido às pessoas envolvidas na e pela civilização. A expressão "vem por aqui", que aparece repetidas vezes, representa a voz de comando exterior, rejeitada enfaticamente pelo poeta. Entre seguir o caminho trilhado por todos e obedecer às suas próprias escolhas, ele opta pelo segundo, entendendo que o seu caminho se faz na medida em que caminha. Aqueles que possuem "olhos doces" e aderem à companhia dos demais não têm a consciência da própria individualidade, e por isso acham mais fácil deixar-se guiar pela multidão "detentora de verdades".

O poeta observa, entre parênteses, que há, em seus olhos, "ironias e cansaços", e é o que fica claro em todo o poema. Seu olhar sobre o mundo é irônico porque enxerga a cisão do próprio existir e, consciente de sua própria liberdade, desperta para a sua responsabilidade. É um olhar cansado, pois renega o tempo todo o apelo social e é obrigado a conviver com uma humanidade desprovida dessa tal consciência, e que por isso mesmo considera-se correta.

"Ali" e "aí" são duas referências metafóricas usadas como demarcação do trajeto utilizado pela maioria, dos quais ele mantém distância. "Criar desumanidade" é uma ironia que relativiza a suposta "humanidade"; quando diz que sua glória é criar desumanidade, reforça o caráter oponente da sua trajetória, que é a do homem *no* mundo, daquele que se faz enquanto caminha. Neste sentido, a consciência o torna humano; desumanos seriam os que renegam esse princípio de escolha individual e entregam-se a leis e normas estabelecidas por contextos maiores.

"Não acompanhar ninguém" é a principal escolha do eu, igualmente dita por Álvaro de Campos em "Já disse que sou sozinho!" e "Para que havemos de ir juntos?" O menosprezo não é pelas pessoas, mas pela forma como vivem, sempre obedecendo e, conseqüentemente, desconhecendo as próprias vontades, deixando de ser "humanas".

Viver é tido como um acaso, não como um plano premeditado ("Que eu vivo com o mesmo sem-vontade / Com que rasguei o ventre a minha Mãe"). O ser, então, pertence ao mundo, vive *nele* como um projeto lançado na gratuidade. A consciência de ter nascido sem projeto definido ("sem-vontade") torna o eu pensante livre para agir

e optar por caminhos próprios que se abrem com o próprio caminhar, fazendo suas próprias leis ("Só vou por onde / Me levam meus próprios passos").

Não há, entre o eu pensante e a humanidade à sua volta, um inter-esse ("Se ao que busco saber nenhum de vós responde"), pois o saber, para ele, implica uma visão de mundo muito diferente da parcialidade alcançada pelo olhar dos outros. Quando afirma que escorrega nos "becos lamacentos", redemoinha "aos ventos, como farrapos" e arrasta "os pés sangrentos", ironiza a própria forma como é visto pelos outros: é, grotescamente, o diferente, o pecador, o próprio descaminho. Assim, ele relativiza as posições assumidas pelo homem quando na contingência, e o que é "descaminho" para os outros, é opção de "como viver" para ele, já que "tem todo direito de sê-lo", conforme também aparece no poema de Álvaro de Campos, em desprezo aos "sistemas completos" e à "moral".

Se ele assume uma condição que o caracteriza diferente dos demais, é porque sabe que está inserido no mundo das possibilidades, o que o torna livre de julgamentos próprios, ainda que seja julgado por muitos. Aceitando viver nas possibilidades, assume a responsabilidade da própria existência e prossegue sem deixar-se vencer, pois isso seria impossível para quem já atingiu a consciência de "ser-no-mundo".

"Se vim ao mundo, foi / Só para desflorar florestas virgens, / E desenhar meus próprios pés na areia inexplorada", esse é o propósito do eu poético. Ele rompe, dessa forma, com seus antepassados, percebendo que a vida se inicia a cada momento, e que a ação presente não é a repetição dos atos passados, pois o presente não funciona como mimese do passado, mas como experiência única e inovadora. Não há uma visão circular do "agir no mundo", mas linear, o que corrobora com a idéia de que a vida é o eterno presente. Se não há caminho pronto para ser trilhado, então ele deve ser feito, construído com os "machados, ferramentas, e coragem" escolhidos também pelo próprio indivíduo, sem a oferta dos outros, pois só o ser tem a noção e a medida do que precisa para realizar-se *na* existência.

Sem dúvida, trata-se de uma visão individualista do ser *no* mundo, porém é um individualismo humanista, em que a consciência cobra do sujeito a percepção de sua condição de homem que se essencializa na medida em que vive; porém, ainda que livre, deve agir com responsabilidade e prosseguir incansavelmente.

Os termos "estradas", "jardins", "tratados", "filósofos" e "sábios" referem-se ao tudo-pronto à disposição dos que vivem em concordância com as verdades impostas, da mesma forma que "estéticas", "conclusões", "metafísica" e "ciências", para Álvaro de Campos, são os caminhos-feitos apresentados pelos homens e ditos como verdadeiros e redentores. Da mesma forma que o eu pensante de "Lisbon Revisited" diz "Fora disso sou doido", o de "Cântico Negro" diz "Eu tenho a minha Loucura!". Veja que "a idéia de não ser de companhia é semelhante, e o erguer o estandarte da Loucura, idêntico" (Moisés 2004: 497).

A loucura, também empregada sob o ponto de vista da relatividade e, por conseqüência, da ironia, é a consciência do estar-no-mundo, embora excluído das relações triviais. Ela é positiva, pois o doido não se submete às exigências, seu caminho é sinuoso, imprevisível, não "reto" e "correto" como querem os demais; ela é a contramão, a projeção da individualidade.

As figuras de Deus e do Diabo também são comuns em "Lisbon Revisited" e "Cântico Negro", reforçando a mesma relativização dos conceitos de "bem" e "mal" incorporados pela humanidade há muito tempo, tornando-se motivo de conflitos vários. Mas lembremos que, conforme observação de Massaud Moisés sobre a poesia de José Régio, em *A Literatura Portuguesa através dos textos*,

[...] o conflito básico nasce da coexistência, em seu espírito, de forças onipotentes que parecem neutralizar-se mutuamente, representadas por Deus e o Diabo. Assim, sua poesia move-se entre o deísmo e o demonismo, não para optar por um deles, mas porque a oscilação simboliza a consciência, no poeta, de o Homem arrastar-se, *aqui*, à mercê de seu destino. (Moisés 2004: 497, grifo do autor)

Se o universo instaurado e aclamado pelo eu do texto é encarado como lugar das possibilidades e do olhar "relativista", qualquer definição é expurgada ("Ninguém me peça definições!"), pois é sempre a imposição de um ponto de vista alheio, nunca de uma verdade universal confirmada. O inconcluso é a real forma de encarar as teorias, por isso Álvaro de Campos já havia dito "Não me venham com conclusões!". O real acabado não significa muito quando se percebe que o mundo é uma eterna descoberta do novo.

Em "A minha vida é um vendaval que se soltou. / É uma onda que se levantou. / É um átomo a mais que se animou...", o poeta reforça a idéia de ser-projeto-no-mundo; assim como o vento, a onda e o átomo, que não resultam de projetos pré-estabelecidos por simplesmente acontecerem no mundo, ele também é o resultado da própria gratuidade das coisas e acontece num "aqui-agora" sem causa definida.

Tanto o poema de José Régio quanto o de Álvaro de Campos são incisivos na idéia de um isolamento que nada mais é que a auto-afirmação do ser consciente de sua liberdade. Régio constrói seu texto com recusas inflamadas ao caminho trilhado pela maioria, e Álvaro de Campos, fazendo o mesmo, usa o recurso da negação repetitiva para proteger-se do que considera desprezível no comportamento da humanidade em redor. Ambos os textos desprezam qualquer formalidade, o que é aparente pela própria estrutura poética, isenta de compromisso com regras e formas pensadas *a priori*, como preocupação com métrica, rimas e estrofação. Além da repetição constante da auto-afirmação, o tom provocador e exclamatório é nítido, pois firma-se no propósito de opor-se ao que não venha de si mesmos. A despreocupação, a loucura e o à-vontade são as bandeiras erguidas em ambos os poemas, verdadeiras obras-primas do Modernismo português.

III – MIGUEL TORGA: O "SER COMO SER"

*Eu era a imagem do que não era, e essa
imagem do não-ser me cumulava toda: um
dos modos mais fortes é ser negativamente.
Como eu não sabia o que não era, então "não*

ser" era a minha maior aproximação da verdade: pelo menos eu tinha o lado avesso: eu pelo menos tinha o "não", tinha o meu oposto.

Clarice Lispector

Obedecendo ao princípio poético da condição do Homem *no* mundo, Miguel Torga desenvolveu poesias que tematizam o paradoxo entre o ser e as convenções, o indivíduo e a sociedade. Ele tenta encontrar soluções para a condição humana, com perguntas entrelaçadas, revolta, indignação e violência. Não compreende nem aceita os Elementos de Deus, e vive intensamente o desespero da consciência.

A visão do relativismo, exposto na análise de "Cântico Negro" e "Lisbon Revisited (1923)", permanece em Miguel Torga, que admite o mundo como possibilidade e a verdade como ponto de vista, corroborando para uma auto-afirmação explícita e direta nos seus versos.

O terceiro e último poema a ser analisado neste breve ensaio sobre a consciência do ser *no* mundo através de poesias da modernidade portuguesa é, sem dúvida, muito representativo dessa tendência existencialista que perpassa pela literatura do século XX.

Livro de Horas

Aqui, diante de mim,
eu, pecador, me confesso
de ser assim como sou.
Me confesso o bom e o mau
que vão ao leme da nau
nesta deriva em que vou.

Me confesso
posseço
de virtudes teologais,
que são três,

e dos pecados mortais,
que são sete,
quando a terra não repete
que são mais.

Me confesso
o dono das minhas horas.
O das facadas cegas e raivosas,
e o das ternuras lúcidas e mansas.

E de ser de qualquer modo

andanças
do mesmo todo.

Me confesso de ser charco
e luar de charco, à mistura.
De ser a corda do arco
que atira setas acima
e abaixo da minha altura.

Me confesso de ser tudo
que possa nascer em mim.
De ter raízes no chão
desta minha condição.
Me confesso de Abel e de Caim

Me confesso de ser Homem.
De ser um anjo caído
do tal céu que Deus governa;
de ser um monstro saído
do buraco mais fundo da caverna.

Me confesso de ser eu.
Eu, tal e qual como vim
para dizer que sou eu
aqui, diante de mim!
(Moisés 2004: 502-503)

O poema já se inicia com a marca espacial do "Aqui", que melhor se entende como "Aqui-agora", num intenso enfrentamento do ser consigo mesmo, como que numa confissão. Há uma repetição constante do termo "Me confesso", sempre seguido por expressões paradoxais que desvelam a aceitação plena das características antitéticas do próprio ser. Trata-se, na verdade, de uma auto-aceitação, pois o eu não se dirige aos outros, como em "Lisbon Revisited (1923)" e "Cântico Negro"; o interlocutor é ele mesmo, por isso não simplesmente confessa, mas "se" confessa.

Aquilo que para os outros é tido como desvio de conduta, aqui aparece como parte integrante da sua condição. Dessa forma, ele é o dono "das fachadas cegas e raivosas, / e o das ternuras lúcidas e mansas", na mesma medida em que é "o bom e o mau".

A confissão ganha valor extremo por ser auto-confissão; assim, adquire valor e verdade aquilo que diz para si, pois não haveria por que mentir para si mesmo. "Confessar-se" é ser verdadeiro, sincero, encarar o que "é de fato". Quem mente, nessa concepção poética, são os outros, que aprovam os valores extrínsecos apenas por medo de vivenciar seus próprios desejos e guiar-se como queiram. Ou seja, o que se admite para si é mais verdadeiro do que o discurso que se profere a outrem; aquele é

isento da máscara que se usa neste com a intenção de ser aceito e considerado dentro dos padrões de normalidade estabelecidos.

Em todo o texto está presente o conflito dual entre o bem e o mal, não como conceitos absolutos, mas como idéias relativas e inerentes ao comportamento humano. Os conflitos são assim expressos: bom x mau; virtudes teologais x pecados mortais; facadas x ternuras; acima x abaixo; Abel x Caim; céu x terra. O eu do poema se coloca entre um e outro elemento dessas oposições, sem se fixar num ou noutra extremo, mas transitando pelo intermediário, onde se localiza como ser *no* mundo. Esse é o espaço da "leme da nau", do "todo", da "corda do arco", da "condição", do "anjo caído", do "Homem". Todas essas expressões, espalhadas pelo poema, remetem-nos ao Ser abandonado na experiência existencial e, sem iludir-se ou criar mistérios em torno de si, deixa-se viver, aceitando conscientemente sua condição.

Os espaços referenciais de que falamos – do alto (bem), do baixo (mal) e do meio (Homem) – são muito significativos no texto, pois ilustram três posições fundamentais instauradas pela humanidade, sendo os dois primeiros instâncias absolutas, e o último a instância do relativo, da contingência, da consciência. Mesmo o espaço do bem e do mal são projetos nascidos do próprio ser e, por isso, exercícios da sua liberdade, pois é opção dele atirar "setas acima" ou "abaixo" da sua "altura". Mas só o espaço intermediário (do Homem) é o da consciência plena da própria liberdade, quando se permite aproximar-se dum ou doutro lado sem enxergar nisso a culpa ou a salvação. Isso equivale a dizer que o homem é a fonte de tudo ("Me confesso de ser tudo / que possa nascer de mim"), a realidade do ser é moldada a partir do "como" ele se projeta no mundo ("me confesso / de ser assim como sou").

O poeta encerra a sétima estrofe com o verso "Me confesso de Abel e Caim" e inicia a próxima estrofe com o verso "Me confesso de ser Homem", criando um paralelo entre "Abel e Caim" e "Homem", o que provoca uma equivalência valorativa; ou seja, ser Homem é ser Abel e Caim, o bom e o mau ao mesmo tempo.

Ao longo do texto, o poeta faz uso de arquétipos bíblicos para criar as oposições e falar da sua condição humana. As idéias "Abel e Caim", "Deus" e "anjo caído" não aparecem como doutrinas, mas como instâncias relativizadoras do comportamento humano. O poeta lança mão das próprias imagens criadas no discurso religioso para falar de sua condição de homem despido da conduta religiosa pregada ao longo dos tempos. Essa relação arquetípica a que o poeta alude não o eleva à transcendência, mas à fatalidade de ser Homem esvaziado de metafísica, a exemplo daquele que saiu "do buraco mais fundo da caverna", e que participa de um todo-processo, um todo-que-acontece, um todo-sem-verdade-absoluta.

O eu-poético deprecia sua forma de viver isenta de fôrma ("Me confesso de ser charco"), o que o aproxima também do eu de "Lisbon Revisited (1923)" e de "Cântico Negro", mas visando, além da rebeldia, a quebra do estereótipo e da aparência.

Há o predomínio dos versos heptassílabos no poema, e em menor frequência aparecem versos trissílabos e decassílabos, diferentemente dos outros dois poemas analisados, que de forma alguma demonstram regularidade. Quase todos os versos são rimados, embora não se apresentem com o rigor classicizante. Ressaltemos, porém, que esses aspectos formais aparentes no texto não o inserem numa tradição nem tampouco numa imitação de modelos arcaicos; contrário disso, o poeta possibilita usar

uma formalidade disforme no poema, ou seja, apropria-se de padrões mais na intenção do jogo de possibilidades do que na adesão ao formalismo. O próprio poema é, então, um meio, um intermédio que se projeta na condição de poema, permitindo as variações, próprias do que se lança ao abandono para extrair do nada uma manifestação do existir.

Confrontando o "Livro de Horas" e o "Cântico Negro", em *A Literatura Portuguesa através dos textos*, Massaud Moisés diz que "o problema posto pela consciência de cada indivíduo ser um microcosmo fechado e 'caído', de ser a expressão singular do 'homem em situação', - percorre os dois poemas" (2004: 503, aspas do autor), o que também se aplica ao texto analisado de Álvaro de Campos. Descobrimos-se "anjo caído" e "monstro saído / do buraco mais fundo da caverna", o eu assume a fruição total da liberdade e substitui a devoção transcendente pelo caminho consciente da existência que acontece no presente contínuo.

CONCLUSÃO

Consciência, isolamento e liberdade existencial marcam de forma incisiva as três poesias que acabamos de analisar. O isolamento e a liberdade são, de fato, conseqüências da consciência do ser *no* mundo que pudemos mencionar ao longo da exposição. Segundo a concepção existencial erigida nos três poemas, tudo parte do próprio ser, tudo nasce dele; o que se vê no mundo é, então, projetado por ele, que caminha e descaminha conforme acha viável e confortante para a sua condição, sendo esse percurso paradoxal a melhor forma de existir conscientemente.

Os três poetas refletem, nessas e em outras poesias, a liberdade de escolha no mundo das possibilidades em que o Ser está inserido, e rompem com as convenções, as limitações e as adequações. O aparente tom de rebeldia, principalmente nos dois primeiros, resulta do transtorno de auto-afirmar-se quando todos preferem adormecer seus desejos e deixar-se conduzir pelo todo, nem sempre compreensível. A oposição entre a afirmação individual e a obediência coletiva é a raiz sobre a qual nascem as idéias exploradas nos poemas.

É possível que essa poesia explorada pelos modernos em Portugal, marcadamente existencial, tenha deixado para seus contemporâneos a visão de mundo relativa que expomos mediante observação atenta aos três poemas, o que resultou na fragmentação e na síntese das novas construções poéticas. O esvaziamento do ser foi, também, o esvaziamento da visão transcendental fundada na poesia, que se ocupou de dizer por meio do próprio silêncio, em contraposição ao ruído instaurado pela teoria e pela imposição das sociedades do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, M. *A origem da obra de arte*. Trad. Maria da Conceição Costa. Lisboa: Edições 70, s.d.

HUGO, V. *Do Grotesco e do Sublime* (Prefácio Cromwell). Trad. Célia Berretini. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MOISÉS, M. *A literatura portuguesa*. 33ª edição. São Paulo: Cultrix, 2005.

_____. *A literatura portuguesa através dos textos*. 29ª edição. São Paulo: Cultrix, 2004.

NUNES, B. *Passagem para o poético*. Filosofia e poesia em Heidegger. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1992.

_____. A Visão Romântica. In: GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ROSENFELD, A; GUINSBURG, J. Romantismo e Classicismo. In: GUINSBURG, J. *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* 2ª ed. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1993.

Recebido em 6/11/2008; aprovado em 31/08/2009.